

**O abandono e o imaginário popular das construções em terra: comparativo entre a região do Vale Histórico Paulista e Tiradentes-MG**

Andrea Cavicchioli  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo  
Danilo Pereira Sato  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo  
Maria Salete Perroni  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo

**Resumo:** Esse texto pretende mostrar uma análise sobre a renúncia da utilização de técnicas construtivas da arquitetura vernacular, as possíveis tentativas de resgate de seu emprego assim como sua interferência no imaginário popular. Neste sentido comparar a situação de abandono tanto das edificações quanto dessa tipologia de construção nos municípios de grande importância no período cafeeiro compreendido entre 1830 e 1870 do Vale Histórico Paulista, com foco nas cidades de Areias, Bananal e São José do Barreiro, com a cidade de Tiradentes, tombada pelo IPHAN desde 1938, por sua importante participação no período aurífero e por ser símbolo da Inconfidência Mineira, no Estado de Minas Gerais onde a presença dessa arquitetura ainda é muito forte.

O referido estudo será baseado no patrimônio edificado do Vale Histórico Paulista a partir do aspecto técnico das construções em terra comparando as condições de manutenção com a cidade de Tiradentes. A terra como material construtivo foi empregada desde século XVI (SCHIMDT, 1946) até o fim do Império, momento que marca o início do período eclético, com a difusão do uso de tijolos cozidos resultando no progressivo abandono de sua utilização (BENINCASA, 2007; LEMOS, 1999). Contrariamente, no sentido global, Houben e Guillaud (2002) apontam que cerca de 30% da população mundial vive em moradias de terra, além da retomada dessa tipologia como alternativa ecológica e sustentável (MINKE, 2005).

A partir de um levantamento bibliográfico, baseada na análise de fontes textuais como artigos, teses e documentos que elucidam os processos históricos, além de trabalhos de campo - incluindo entrevistas com a população local, proprietários e técnicos sobre a manutenção/substituição e percepção sobre a arquitetura vernacular- com visitas aos remanescentes arquitetônicos, identificação das técnicas empregadas e o grau de interferência e descaracterização em função da perda do conhecimento tradicional foi possível observar a

presença das três principais tipologias construtivas em terra utilizadas no Brasil, a taipa de pilão, o pau-a-pique e o adobe com a predominância dessa última na cidade de Tiradentes e Bananal, e destaque para a taipa de pilão como símbolo identitário de construções paulistas segundo Luis Saia (1978), e ainda identificar diversas razões que interferiram no emprego dessas técnicas: tijolos cozidos mais baratos que os crus (SCHMIDT, 1946); correlação à proliferação de doenças (MILANEZ, 1958; TAVEIRA, 2002); imagem associada à pobreza (MILANEZ, 1958; SANTOS & RODRIGUES FILHO, 2002); e serem consideradas antagonistas do progresso simbolizado pelo cimento e o ferro (CALLA & GARCIA, 2002).

Como resultado parcial desse estudo encontrou-se significativo grau de alteração nas construções dos municípios componentes do Vale Histórico acarretado pela falta de manutenção apresentando condições críticas de perda do patrimônio edificado e como consequência, impactos na memória coletiva da população local. Essa perda gera, em alguns casos, situações de mobilização popular como em Bananal com as recentes reformas ao sobrado Aguiar Vallim diferente das regiões onde os órgãos de proteção de patrimônio se fizeram mais presente como em Tiradentes e nas demais cidades tombadas de Minas Gerais.

**Palavras-chave:** patrimônio; arquitetura em terra; Vale Histórico Paulista

## Introdução

Em princípio os municípios que exibem tipologias construtivas semelhantes, mais especificamente adobe, pau-a-pique e taipa de pilão<sup>1</sup>, e com os mesmos desafios de conservação apresentam contrastantes condições de manutenção e reconstrução das edificações. As cidades que compõem o Vale Histórico Paulista e a cidade de Tiradentes tiveram origens muito distintas e alcançaram o auge da riqueza em diferentes momentos, enquanto as primeiras são marcadas pela cultura cafeeira, a segunda surgiu no contexto da mineração de Minas Gerais e assim, como reflexo, oferecem diferentes arquiteturas.

---

<sup>1</sup> O adobe é definido como tijolos de terra feitos a partir de moldes em madeira, já o pau-a-pique é um tramado de madeira coberto por uma mistura de terra e água, e por fim a taipa de pilão que consiste paredes feitas de terra socada entre pranchas de madeira (HOUBEIN & GUILLAUD, 1988; KANAN, 2009)

10.4025/6cih.pphuem.637

Os municípios de Areias, Bananal e São José do Barreiro se desenvolveram primeiramente como pouso de tropeiros para então, ao final do século XVIII, darem início à produção de café e se tornarem uma das regiões mais prósperas do país durante o ápice da produção cafeeira no século XIX. Com as riquezas advindas do café, os chamados Barões do Café investiram em uma arquitetura suntuosa e luxuosa, na qual foram construídos os grandes casarões rurais, sedes de suas fazendas, e urbanos no estilo colonial e clássico (INEPAC, 2004; STEIN, 1951). Como pode ser observado por viajantes como Zaluar (1862) que descreve o Sobrado Vallim, localizado no centro de Bananal:

*“Muitas fazendas de primeira ordem concorrem para a riqueza agrícola d’este município. Tive ocasião de visitar, além das do Sr. barão da Bella Vista, a do Sr. Commendador Manoel de Aguiar Vallim, que se torna notável não só por ser uma das melhores propriedades do lugar, como pelo gosto com que são pintadas as salas e a capella da sua casa de moradia campestre. As pinturas são devidas ao hábil pincel do Sr. Villarongo.”*

Por outro lado Tiradentes ainda era apenas uma vila até 1849 e atingiu sua importância durante a produção aurífera durante o século XVIII. Nesse período a predominância arquitetônica é da tipologia barroca. Esta diferença entre estilos arquitetônicos foi importante para as políticas de conservação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), posteriormente.

As diferenças na conservação dessas cidades consistem nas políticas de preservação e na presença das instituições de proteção nesses ambientes. O centro histórico de Tiradentes foi tombado, em 1938 pelo então SPHAN e possui como regramento importante uma “Proposta de critérios e normas de proteção para o sítio histórico de Tiradentes”, revisado em 1997, que estipula as regras para intervenção nas construções e estabelece o padrão urbanístico e arquitetônico das construções como a volumetria, recuo, fachada, etc. Estas regras visam manter a harmonia arquitetônica do conjunto do município e setorizando os espaços para novas construções, entretanto estas normas não apresentam nenhum item sobre as técnicas construtivas. Os municípios do Vale do Paraíba por sua vez apresentam tombamentos posteriores e isolados como pode ser visto tabela 1, de acordo com dados do CONDEPHAAT

10.4025/6cih.pphuem.637

(Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico) e do IPHAN.

Tabela 1. Tombamentos no Vale do Paraíba.

Município	Edificação	Data Tombamento IPHAN	Data Tombamento CONDEPHAAT
<b>Areias</b>	Casa de Câmara (Antiga Cadeia)	-	1982
	Casa Capitão-Mor e Casa Vizinha	-	1982
	Sobrado na Rua Nove de Julho nº 136	-	1982
	Sobrado na Rua Quinze de Novembro	-	1982
<b>Bananal</b>	Centro Histórico	-	1991
	Estação Ferroviária	-	1974
	Sede da Fazenda Resgate	1969	1982
	Sobrado Vallim	-	1972
<b>São José do Barreiro</b>	Cemitério dos Escravos	-	1989
	Sede da Fazenda Pau D'Alho	1968	1982

Fonte: CONDEPHAAT, 2013; IPHAN, 2013.

Fatores comentados por Marins (2008), são a falta de interesse na arquitetura neoclássica e eclética e a marginalização desses estilos arquitetônicos que implicaram tanto em tombamentos tardios quanto na ausência de políticas de preservação, instrumentos econômicos - por exemplo, a isenção de impostos sobre os imóveis tombados- e fiscalização por parte dos órgãos de proteção. Ressaltando que a presença dos órgãos de proteção nos municípios provocam, geralmente, insatisfação e insegurança na população local, entre outros motivos, pelo medo de perder a autonomia sobre seus imóveis, tal situação percebida foi nas cidades do Vale Histórico após diversas conversas travadas com os moradores durante as inúmeras visitas a essa localidade. Por outro lado é perceptível que essa mesma população valoriza as edificações como testemunhos da passagem ou moradia de personalidades históricas, como a casa, na rua XV de Novembro, em que viveu Monteiro Lobato na época em que foi promotor de justiça em Areias que é mostrada por eles com certo orgulho.

10.4025/6cih.pphuem.637

Com isso nota-se que o patrimônio no geral é alvo de ambivalências tanto de marginalização quanto de preservação por parte dos órgãos de proteção e também da população. Um forte exemplo da preservação, por parte dos moradores, é a restauração do Sobrado Vallim, em Bananal, que foi realizado a partir da ação popular conjunta (MARINS, 2008) ou ainda as ações dos próprios proprietários como é o caso de algumas outras edificações do Vale - Casa da Juíza, Casarão dos Magalhães, Fazendas Catadupa e Palmeiras, etc. Já em Tiradentes são notáveis as novas construções em adobe aparente com a intenção de transparecer rusticidade e homogeneidade urbanística. Neste sentido se observou uma diferença marcante entre as duas localidades: no Vale se percebe a tentativa de manutenção e preservação de algumas construções existentes e quando são erguidas novas edificações estas são feitas a partir de materiais novos (tijolos queimados ou blocos de cimento), enquanto em Tiradentes existem duas pequenas fábricas de adobes que servem de matéria prima para as novas construções que costumam replicar as construções antigas.

Nesse sentido a discussão tem foco nas razões pelas quais as diferenças de políticas de preservação são tão aparentes entre uma localidade e outra, conferindo a importância devida à percepção e ação popular frente ao resgate das técnicas construtivas das edificações e à sua manutenção.

### **Imaginário popular e Memória**

Uma passagem importante sobre imaginário é de Baczko (1985):

“Uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e controle do tempo colectivo no plano simbólico. Esses imaginários intervêm activamente na memória colectiva, para a qual, como dissemos os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram.” (BACZKO, 1985, p. 312)

Com base na concepção de imaginário como elemento capaz de interferir na memória retoma-se Le Goff (2010) para a definição de memória que pode ser oral ou escrita e pode ter como substrato tanto o patrimônio edificado quanto arquivos documentais. Este patrimônio é tratado como uma perpetuação voluntária ou involuntária da memória coletiva. Outro detalhe importante é a memória tratada como questão de dominação e os símbolos são utilizados e mantidos para legitimar alguma forma de poder.

10.4025/6cih.pphuem.637

Neste sentido Barros (2007) trata o imaginário também como um repertório de imagens visuais, verbais e mentais que possuem capacidade reestruturante sobre a sociedade. E neste sentido é interessante quando Baczko (1985) aponta a interação entre a informação, propaganda e o imaginário:

“Entre as múltiplas consequências deste último fenômeno, convém lembrar rapidamente aqueles que dizem respeito às relações entre informação e imaginação, das quais derivam as novas possibilidades que se oferecem à propaganda.” (BACZKO, 1985, p. 313)

O patrimônio edificado e suas características arquitetônicas podem ser observados como documentos por serem reflexos da organização social de um período e de sua compreensão configurando um objeto histórico (MENESES, 1998). Como diversos autores discorrem todo um histórico sobre a arquitetura no Brasil, a arquitetura em terra foi muito presente desde as primeiras construções e foram as técnicas empregadas até a propagação dos tijolos queimados com a chegada dos imigrantes no período eclético (BENINCASA, 2007; LEMOS, 1999) e com a consolidação da indústria do cimento nos anos de 1940 (REIS FILHO, 1978).

Esta mudança da arquitetura em terra para tijolos se deu com a chegada da Escola de Belas Artes impregnada do ecletismo e difundindo que este representava a modernidade e isso interferiu no imaginário popular. Pois esses ideais foram legitimados pelo povo e a antiga arquitetura foi deixada para trás como algo obsoleto, até meados do século XX, quando surgem grupos como o CRATERRE (HOUBEN & GUILLAUD, 1989) e há então a retomada desse tipo construtivo, apontada também em Minke (2005).

De forma análoga foram constatadas novas construções em Tiradentes utilizando a arquitetura em terra e em uma viagem à cidade foi possível visitar a fábrica de um dos adobeiros locais. O proprietário aprendeu com seu pai ainda na infância, durante a década de 1940, como fazer adobes, mas só a partir da década 1990 passou a comercializar esses tijolos. Nessa época, de acordo com seu relato, houve grande interesse por parte da população em sua prática após ele ter sido visto por um grupo de pesquisadores que resolveram o entrevistar. Essa publicação promoveu certa movimentação em torno desse negócio e muitos vieram visitar e comprar como souvenir seus tijolos e nesse contexto foi despertado o interesse pelas construções de caráter antigo e rústico. É necessária uma investigação mais aprofundada sobre as reais razões dessa procura repentina considerando que as construções estão inseridas

em uma região de intensa atividade turística e muitas edificações que se utilizam deste material são lojas e hotéis.

Este interesse atual é contrário à problemática desenvolvida por Milanez (1958) e Taveira (2002) sobre proliferação de doenças associadas a essas construções. Essa abordagem foi relevante considerando as campanhas contra a proliferação do besouro conhecido como barbeiro, hospedeiro do causador da doença de Chagas, e a associação feita com as casas contendo paredes em pau-a-pique. Em campo foi observado comentários dos moradores sobre a necessidade desse tipo de parede estar com reboco bem feito na intenção de evitar a infestação por insetos o que demonstra que atualmente, após a instauração desse cuidado, não parece haver uma correlação direta entre arquitetura em terra e a possibilidade do ataque de doenças graves.

Um argumento importante para o desaparecimento das técnicas em terra é o de Schmidt (1946) tratando da taipa de pilão especificamente e sua decadência associada a fatores econômicos pela competitividade do tijolo e suas maiores possibilidades plásticas para as construções (REIS FILHO, 1978), somadas ao fato de se tratar de um conhecimento local, passado de geração em geração de forma oral, carente de registros escritos implicando em perda da sua transmissão. No Vale Histórico essa situação se mostra bem aparente pela ausência completa de pessoas com domínio técnico sobre o adobe, a taipa e o pau-a-pique, segundo a população, enquanto que em Tiradentes há pelo menos três adobeiros conhecidos e com alta produção.

### **Considerações finais**

Iniciada estas prospecções em que foram confrontadas as primeiras considerações teóricas sobre o desaparecimento das técnicas foram delineados pontos prioritários a serem tratados. Estes pontos como pode ser observado residem nas contradições de um esquecimento para uma recuperação como elemento de destaque, as abordagens a serem observadas e aprofundadas são os antigos construtores e responsáveis pelas últimas construções em terra. Outro fator a ser observado são os motivos que levam as pessoas a recriarem estas construções, evidentemente onde há disponibilidade de pessoas conhecedoras dessas técnicas,

já que no Vale em comparação a Tiradentes se constatou maior dificuldade de fazer contato com algum construtor em terra.

Outro resgate a ser feito são os motivos de recuperação destas técnicas se darem na segunda metade do século XX e quais informações ou centros de conhecimento ou mesmo propagandas interferiram no imaginário.

Contudo apesar dessa notável preocupação no caráter da feitura desse tipo construtivo ainda percebe-se na população local e mesmo nos órgãos de proteção certa prioridade com os aspectos arquitetônicos do tipo de fachada, volumetria e estilo arquitetônico enquanto a originalidade das técnicas ainda é menos importante do que os demais elementos.

### **Referências Bibliográficas**

BACZKO, B. Imaginação social. Em: Enciclopédia Einaudi v.5 Antropos-homem. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1985.

BENINCASA, V. Fazendas paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro. 2007. 244p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Vol 1

CALLA GARCIA, A. La construcción com tierra en la cultura andina. Seminário Ibero-Americano de Construção com Terra. Salvador. 2002. Anais. Edit. C. Neves; C. Santiago. Salvador: Projeto PROTERRA, 2002.

CONDEPHAAT. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico. Lista de bens tombados do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.8fc0ff23d63c442aaacf3010e2308ca0/?vgnextoid=662b7d2fbae72210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&vgnnextchannel=662b7d2fbae72210VgnVCM1000002e03c80aRCRD>>. Acesso em: 09/07/2013

HOUBEN, H; GUILLAUD, H. Construite em Terre. In: Traite De Construction En Terre. Marseille, Parentheses, 1989.

INEPAC. Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis - Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: INEPAC, 2004. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/F53F7DCBED267FB98325735C004D1383/\\$File/NT00036122.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/F53F7DCBED267FB98325735C004D1383/$File/NT00036122.pdf)>

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Arquivo Noronha Santos. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 09/07/2013

LE GOFF. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão; Irene Ferreira & Suzana Ferreira Borges. 5 ed. Campinas: UNICAMP; 2010. 541 p.

10.4025/6cih.pphuem.637

LEMOS, C. A. C. Casa Paulista: História das Moradias Anteriores ao Ecletismo Trazido pelo Café. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999. v. 1. 262 p.

MARINS, P. C. G. . Trajetórias de preservação do patrimônio cultural paulista. In: SETUBAL, Maria Alice. (Org.). Terra paulista: trajetórias contemporâneas. 1 ed. São Paulo: Imesp; Cenpec, 2008, v. , p. 237-267.

MILANEZ, A. Casa de Terra - As técnicas de estabilização do solo a serviço do homem do campo. Rio de Janeiro: Serviço Especial de Saúde Pública - Ministério da Saúde, 1958.

MINKE, G. Manual de construcción em tierra. Montevideo: Editorial Fin do Siglo, 2005

PELLEGRINI FILHO, A. . Turismo Cultural em Tiradentes. 1ª. ed. São Paulo: Manole, 2000. v. 1. 188 p.

REIS FILHO, N. G. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1978. 4 ed. p. 215.

SAIA, L. Morada paulista. São Paulo: Perspectiva, 1995. 311 p. (Debates, 63)

SANTOS, M. R. B. RODRIGUES FILHO, R. Arquitetura de Tierra em Brasil –Tradición y Modernidad. In: La Tierra Cruda em la Construcción del Habitat – 1º Seminario – Exposición Consorcio Terra Cono Sur , 2002, San Miguel de Tucumán. Memoeia del 1º Seminario – Exposición Consorcio Terra Cono Sur, 2002. v. 1. p. 143-154.

SCHMIDT, C.B. Construções de taipa: alguns aspectos de seu emprego e da sua técnica. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1946.

STEIN, S. J Grandeza e decadência do cafe no vale do paraíba, com referencia ao município de vassouras. São Paulo : Brasiliense, 1961.

TAVEIRA, E. S. N. Tradição, culturas construtivas e modernidade nas arquiteturas de terra. 2002. 53 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Campinas, Campinas.

ZALUAR, A. E. Peregrinação pela provincia de S. Paulo 1860-1861. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier [etc.], 1862. Disponível em: <<http://archive.org/details/peregrinaope00zaluoft>>